O DIA DE JAVÉ EM AMÓS

Haroldo Reimer

O dia de Javé (*yom Yhwh*) é uma esperança-tradição que acompanha o povo de Deus na sua caminhada histórica. Está presente no antigo Israel dos tempos bíblicos, desde as mais remotas origens nas "guerras santas" pela conquista e manutenção da terra prometida (séc. XII–X aC), passando por modificações durante os tempos áureos da monarquia israelita, indo até os tempos de profunda expectativa apocalíptica na época do pós-exílio, chegando até Jesus, quando a terra conquistada está em mãos de outros/novos donos. De forma ampliada, essa tradição de espera pela intervenção de Deus na história acompanha também o povo nas comunidades cristãs, na expectativa de salvação presente diante das bestas-feras e na esperança ampla por "novos céus e nova terra nos quais habita a justiça" (2Pd 3,13).

O dia de Javé: espera pela intervenção de Deus

Em termos de conteúdo, a tradição ou esperança pelo "dia de Javé" representa uma expectativa por uma intervenção divina na história humana capaz de mudar os rumos do curso dessa história. Nas tradições mais antigas, mormente relacionadas com eventos de "guerra santa", ou vinculadas com acontecimentos teofânicos (cf. por exemplo Jz 5), anseia-se basicamente por uma interferência salvífica de Deus para mudar a sorte do povo ante ameaças de inimigos externos ou de outras adversidades temporais (1Rs 19). O Deus-Javé é/era celebrado como o Deus salvador incondicional do seu povo. O *dia de Javé* significava um dia de *graça para Israel* e de *desgraça para os outros povos/inimigos*.

Essa tradição mais antiga do dia de Javé como um dia de graça para Israel sofre uma profunda reinterpretação através do profeta Amós em meados do séc. VIII aC. Na história política e teológica de Israel e do Antigo Testamento, é o profeta Amós que inaugura a concepção de que o *dia do Senhor-Javé* será um dia de *desgraça para o próprio povo de Israel*. Essa nova interpretação acerca do dia de Javé está desdobrada basicamente em Am 5,18-20, um texto que vamos analisar mais detalhadamente logo abaixo, mas também se encontra espalhada no restante deste livrinho profético.

Resumindo essa parte introdutória, poderíamos dizer que o "dia de Javé é um evento no futuro ou no passado determinado por uma teofania de Javé durante a qual ele vai dizimar os seus inimigos. O dia de Javé pode ser descrito/imaginado como uma guerra santa ou uma catástrofe cósmica. Os inimigos de Javé podem ser as nações inimigas que oprimem Israel, mas eles também podem ser encontrados dentro de Israel" (Smelik, p. 247). A visão de que os inimigos de Javé a serem derrotados no dia de Javé

também podem se encontrar dentro do próprio Israel é a grande novidade na contribuição teológica do profeta Amós acerca dessa esperança-tradição. Outros profetas andarão por essa trilha aberta por Amós no séc. VIII aC, apresetando o dia de Javé como um dia de desgraça (cf. Is 13,6-9; 22,1-14; Jr 46,2-12; Ez 13,1-9; Joel 1,15; 2,1.11; 3,4; 4,14; Ab 15; Sf 1,7.14; Ml 3,23) e até de transformações cósmicas (cf. Is 13,10; Ez 30,18; Jl 2,2.10; 3,3-4; 4,15; Sf 1,15b).

Am 5,18-20: o dia de Javé – uma virada

Dentro do livrinho de Amós, o texto que apresenta a "virada" na concepção do dia de Javé se encontra em Am 5,18-20. Aqui as expectativas por um dia de salvação são radicalmente invertidas. Vejamos o texto:

Ai!
Os que desejam intensamente o dia de Javé.
Por que vocês fazem isso?
O dia de Javé: ele é trevas e não luz!
Assim como alguém foge do leão,
e é afrontado por um urso,
e entra na casa,
e encosta a sua mão na parede
e aí uma cobra o morde.
Verdadeiramente!
Trevas será o dia de Javé e não luz,
Escuridão e não claridade o acompanham.

Esse é texto da "virada" na concepção do dia de Javé dentro da história da teologia do Antigo Testamento. O texto inicia com um "ai" (*hoy*). Na tradição profética, entoar um "ai" sobre pessoas indica que aquilo que for proferido a seguir pelo profeta denota algo como uma sentença de morte para as respectivas pessoas ou grupos aí referidos (cf. Is 5,8.18.20.21.22; 10,1; Mq 2,1; Hb 2,6.9.11.15.19; etc.). O "ai" é uma alocução que os profetas tomaram emprestado dos rituais fúnebres. No dizer de um estudioso, "nas pessoas sobre as quais se entoa um 'ai' já está presente o gérmen da morte" (Wanke). Na maioria dos textos de "ai", as pessoas denunciadas são caracterizadas pela forma verbal de um particípio presente. No caso particular de Am 5,18, verifica-se um particípio do modo *hitpa'el* do verbo hebraico *'wh* / "desejar ardentemente". Esse modo deste verbo hebraico indica para ações repetidas, iterativas, desde o passado até o presente.

Os que "desejam ardentemente" (hebraico: *hammit'awim)* parecem já ter uma certa "tarimba" nessa atividade. Podemos até dizer que se trata de pessoas quase que "profissionais" nesse negócio. O respectivo verbo não é exatamente um termo técnico de uma determinada categoria, porém um texto paralelo em Jr 17,16 indica tratar-se de algo relacionado com uma típica atividade profética. Podemos, pois, supor que os "ardentes desejantes" de Am 5,18 possivelmente são profetas ligados à esfera pública, político-cúltica ou religiosa de Israel. Possivelmente estão alocados junto a

algum dos santuários estatais do Reino do Norte. Amós supõe que tais pessoas estão intensamente dedicadas à tarefa de "puxar para perto" ou de invocar esse dia de Javé. Na concepção dessa gente, o dia de Javé teria o aspecto positivo de um dia de salvação e de graça para Israel. Afinal, pelo conteúdo tradicional ligado a esse dia de intervenção de Deus na história, Javé iria "libertar seu povo de todos os inimigos em qualquer situação" (Smelik, p. 247).

Crítica em tempos de militarismo

Localizando a atuação de Amós em meados do séc. VIII aC no Reino do Norte/Israel, durante o governo de Jeroboão I, não nos deparamos exatamente com uma situação de ameaça externa sobre Israel. Antes, pelo contrário, os textos respectivos nos remetem para uma situação de relativa prosperidade social e econômica interna no Reino do Norte. Mais do que isso: sob o governo de Jeroboão I, o Reino do Norte persegue uma política de expansão militar de suas fronteiras, procurando sobretudo anexar ou controlar áreas da região da Transjordânia, em áreas fronteiriças com os territórios dos amonitas e dos moabitas. A isso se acrescentam constantes atritos com o Reino de Judá. Assim, ao invés de haver ameaça externa, o próprio Reino de Israel constitui-se em fator de ameaça e instabilidade para os povos vizinhos.

Há nesse período de meados do séc. VIII aC um militarismo atuante, sobretudo da parte de Israel, mas também nas nações vizinhas. Isso é muito bem atestado pelos textos do chamado "ciclo dos povos" em Am 1,3–2,16. Aí o profeta condena veementemente os avanços militares das nações vizinhas da época, denunciando as atrocidades militares cometidas em tais manobras sobretudo contra os pobres e as populações civis das aldeias. Cabe ressaltar que as palavras proféticas de Amós têm um cunho eminentemente antimilitarista. As atrocidades descritas nesses textos são tétricas, por exemplo: "trilhar com trilhos de ferro" (1,3), "rasgar o ventre de mulheres grávidas" (1,13). Tudo isso para "expandir o território" (1,13). Nessas guerras de expansão, são massacrados sobretudo os camponeses de vários povos. Dentro do Reino de Israel há também preparativos para tais manobras militares. Em Am 5,2-3 fala-se da "cidade" de onde saem tropas de cem, "centúrias" na linguagem dos posteriores romanos. Em Am 6,13, mencionam-se ações militares, planejadas ou já realizadas, contra Lo-Debar e Carnaim, localidades na Transjordânia. O Reino de Israel, pois, encontra-se em fase de manobras militares com vistas à expansão de seu território para dentro de regiões vizinhas ou na disputa por tais áreas. A guerra siro-efraimita, de 636 aC em diante, inscreve-se também neste ambiente militarista.

Que sentido teria, pois, nesse contexto de expansão, uma crítica à atividade profético-cúltica de desejar reiteradamente o dia de Javé? Ao meu ver, dentro desse contexto de movimentação político-militar, a afirmação da iminência de um dia de Javé, com glória e brilho para Israel, poderia ter funcionado como propaganda ideológica e político-religiosa para justificar ou legitimar tais ações expansionistas. Afinal, em vários textos relacionados ao dia de Javé fala-se de consultas profético-cúlticas antes dos

respectivos eventos guerreiros e militares. Assim, poder-se-ia perfeitamente supor que nesses momentos de ações bélicas expansionistas, grupos de profetas junto aos santuários oficiais como Betel, Dã, Guilgal ou mesmo na capital Samaria estejam "funcionando" como legitimadores dessas respectivas ações militares. Isso seria algo similar às atividades dos chamados "falsos profetas", com os quais, um século mais tarde, o profeta Jeremias se encontra em constante conflito (cf. Jr 17; 28; 29). Em termos básicos, esses "profetas" propagandistas afirmam e desejam com intensidade que Javé, o Deus de Israel, seja a divindade que marcha junto aos campos de batalha para garantir e assegurar a este Israel expansionista o pleno sucesso nas batalhas.

Em tal situação, dentro do contexto social de expansionismo brevemente indicado em Israel em meados do séc. VIII aC, teria sentido a crítica de Amós a um tal "ardente desejo" pelo dia de Javé. Amós quer demolir a propaganda oficial de segurança nacional e de cooptação do Deus-Javé nas movimentações militares, contrapondo a esta realidade a nova tese acerca da ação de Javé nesse esperado "dia de Javé". No dizer de Milton Schwantes, Amós vem em "hora atravessada".

"Se correr o bicho pega..."

O que o profeta Amós basicamente faz é inverter as palavras e as expectativas relacionadas com esse dia. Na tradição antiga, popular, o dia de Javé é um "dia de luz" (v. 18) e de "claridade" (v. 20). Tradicionalmente, escuridão e trevas se abateriam sobre os inimigos externos. Na opinião de Amós, isso já não será mais automaticamente assim. O *dia de Javé* será um *dia de escuridão e de trevas para Israel*. Nem a fuga dará escapatória, nem a casa dará abrigo seguro (v. 19). Javé atuará dentro das fronteiras de Israel, dentro da "casa de Israel" (5,1). A presença de Javé em Israel será como no provérbio popular: "se correr o bicho pega, se ficar o bicho come"! Os limites territoriais e espirituais do próprio povo de Israel não oferecerão mais abrigo nesse dia de juízo de Deus na história de seu povo. Na proclamação de Amós, *desgraça e morte em Israel passarão a dar a tônica para esse dia de Javé.*

No texto de Am 5,18-20 existe no v. 19 a expressão hebraica *halo'*, que muitas vezes introduz uma pergunta. Nas traduções da Bíblia, usualmente é entendida nesse sentido de pergunta retórica. Amós estaria tentando captar a anuência dos ouvintes com relação à sua tese sobre o dia de Javé. Creio, porém, que no contexto essa expressão tem antes o sentido de uma interjeição afirmativa da tese nova apresentada pelo profeta. Afinal de contas, se é certo que Amós inaugura aqui uma nova concepção acerca do dia de Javé, os ouvintes não poderiam concordar de imediato com a sua tese. Assim, creio ser melhor entender a referida expressão como interjeição afirmativa da tese do próprio profeta. "Verdadeiramente! Escuridão será o dia de Javé e não luz!" Essa é a novidade que Amós traz e que marca uma grande virada.

Agora, quais são as conseqüências da atuação nessa "viração" do "dia de Javé" anunciado por Amós?

Conseqüências

Parece-me evidente que as expectativas positivas de salvação incondicional para o Israel do Reino do Norte faziam parte do conjunto de propaganda oficial do governo de Jeroboão I, justamente para legitimar suas atividades expansionistas. O templo e seus funcionários desempenhavam um papel importante nisso, para incrementar tributos e entregas rituais que beneficiavam o Estado. Ao lado das injustiças sociais reinantes, com tais entregas e ofertas procurava-se criar sobretudo nos abastados a sensação de um bem-estar e de apaziguamento com Deus (cf. Am 4,4-5; 5,21-23). O templo é mecanismo de propaganda oficial e fator de acobertamento de práticas injustas.

A elite de Samaria parece já estar completamente convencida de que "Javé está com eles e não abre". Amós inclusive se refere a essa gente como "aqueles que andam despreocupados no monte Samaria" (6,1; cf. também Mq 3,11). Essa elite pensa ser a "fina flor" entre as nações (6,2) e não cogita das novidades que vêm da parte de Javé-Deus.

Também entre os israelitas comuns da "sociedade civil" parece haver um contágio dessa propaganda oficial da presença e apoio incondicional de Javé como o Deus da segurança nacional. Nos tribunais, a injustiça anda solta, de modo que, justamente aí, no lugar onde se deveria praticar direito e justiça (Am 5,24), "os pobres" (*'ebyonim)* e os justos são "esticados/liquidados no portão" (Am 5,12; cf. 2,7 e 5,10). Convém lembrar que no antigo Israel o portão ou a praça das cidades era o lugar da jurisprudência popular; era aí que o povo se reunia para resolver suas questões e querelas. Os camponeses "enricados" estavam se sentindo seguros e acobertados em suas práticas fraudulentas justamente nesta área da jurisprudência popular.

Mas, "eis que vêm dias" (4,2); "naquele dia", o "bicho pega..."!

Sem medo de errar, poderíamos dizer que a inversão da expectativa por um "dia de Javé" articula o anúncio de desgraça nas várias partes do livro de Amós. As diversas desgraças anunciadas, por causa das injustiças praticadas – isso convém frisar! – estão em geral associadas com esse "dia de Javé".

O dia de Javé em Am 5–6

A afirmação de que a referência a um vindouro dia de Javé articula os vários anúncios de desgraça na profecia de Amós pode ser demonstrada, observando-se a estrutura de uma composição dentro do livro de Amós. Refiro-me a um bloco maior em Am 5,7–6,11. Aqui não será possível explicar todo o esquema abaixo. Porém pode-se ter uma primeira impressão de como a expectativa por esse dia articula as várias partes. A desgraça vindoura se abaterá sobre as pessoas e/ou grupos denunciados nas diferentes esferas ou âmbitos da vida de Israel: na área social ou jurídica (= "justiça no portão" e "comércio" – 5,7-17), na área religiosa (templo, sacerdotes e propaganda oficial – 5,18-27) e na área administrativa (corte em Samaria – 6,1-11).

	Social/jurídico Am 5,7-17	**Religioso** Am 5,18-27	**Administrativo** Am 6,1-11
A) **"Ais"**	5,7: inversão de *mishpat* (direito) e *sedaqah* (justiça)	5,18a: desejo pelo *yom* Yhwh (dia de Javé)	6,1-2: despreocupados em Samaria
B) **Dia de Javé**	5,8-9: desgraça sobre fortalezas e cidades fortificadas	5,18b-20: dia de Javé é o contrário do esperado: trevas e não luz!	6,3: governantes reprimem o dia de Javé mas praticam o governo da violência
C) **Descrição**	5,10-12: rejeição dos justos no portão/práticas contra os pobres – Construção de casas grandes (negação) – vinhas esplêndidas (negação) – presentes de suborno – (v. 13: acréscimo?)	5,21-23: desprezo de Javé por práticas religiosas: – festas – reuniões festivas – presentes – sacrifício de gado cevado – cânticos – instrumentos (v. 22a: acréscimo?)	6,4-61: "dolce vita" na corte – deitar em mobiliário de marfim – consumo de carnes tenras – deleite com música – consumo de vinho em quantidade – lambuzar-se com óleos finos
D) **Apelo**	(v. 14: acréscimo?) 5,15: buscar o bem/odiar o mal Restabelecer *mishpat* no portão	5,24: exigência programática por *mishpat* e *sedaqah* v. 25-16: acréscimo deuteronomista	6,6b: Nenhum apelo; apenas uma constatação: elite não se preocupa com a quebradeira de José/povo
E) **Anúncio**	5,16-17: muitos mortos em Israel/servos e vinhateiros conclamam para o funeral dos senhores (!)	5,27: Deportação do pessoal dos santuários ("vós")	6,7.8.11: Fim da festa – deportação – destruição do palácio – entrega da cidade – destruição das construções (v. 9-10: acréscimo)

Na coluna central desta estrutura reconstruída de Am 5,7–6,11, o profeta apresenta a sua nova concepção crítica com relação ao dia de Javé. Já sabemos que será um "dia de trevas e não de luz" (5,18). Essa é a tese principal apresentada pelo profeta. Agora, as ações de Javé nesse dia específico terão conseqüências específicas para grupos determinados em Israel.

Primeiramente, em Am 5,18-27, após denunciar práticas cúlticas e religiosas incentivadas pelo pessoal dos templos e santuários, Amós anuncia que essa gente sofrerá uma desgraça nesse dia (5,27: "... por isso, deportarei vocês..."). Aqui, o pronome da 3ª pessoa m. sg. interliga as várias partes do bloco (cf. "por que vocês fazem isso? – v. 18).

Na coluna de Am 5,7-17, o Deus que fez "as Plêiades" e o "Órion" (5,8) fará vir "súbita destruição sobre o forte e ruína sobre a fortaleza" (5,9). O dia de Javé anunciado por Amós trará desgraças para os israelitas que "enricaram" através das "maracutaias" legais denunciadas sobretudo em Am 5,10-12. Também a denúncia de fraudes nas relações de empréstimos e dívidas (cf. 2,6b e 8,4-7) fazem parte desse conjunto. Os que se sentiam abrigados nas suas "casas de pedras lavradas" (5,11) verão a ruína abater-se sobre eles "nesse dia". Por respeito humano, os lavradores entoarão o lamento fúnebre sobre seus senhores nesse dia (v. 17).

Am 6,1-11 articula a denúncia da "dolce vita" da elite na corte em Samaria e o anúncio de desgraça sobre os mesmos (6,7.8.11: "as pândegas dos espreguiçadores terão fim"). Nesse conjunto, as breves formulações de Am 6,3 chamam a atenção. Aí o profeta afirma que essa elite (= "vós") imagina "estar longe o dia mau". Isso já deve ser influência da propaganda oficial. A elite está convencida de que "Javé está com eles". Em um outro contexto, a elite de Jerusalém pensava coisa semelhante: "Javé está conosco, por isso mal algum pode vir sobre nós" (Mq 3,11). Os despreocupados de Samaria se achavam seguros em sua própria ideologia. Qualquer "dia mau" estaria longe. Por causa dessa despreocupação com um agir castigador e "vingador" de Javé na história do próprio povo, a elite não teme em "puxar para perto" ou "conjurar", ou deixar curso livre para o "governo da violência" (6,3 – hebraico: *shebet hamas*). O termo *hamas* designa, nos profetas, via de regra, a rapina social contra os pobres, os oprimidos e os fracos na sociedade (cf. Am 3,10; Is 3,14-15). A ausência do temor diante de uma ação de Deus para estabelecer direito e justiça e pautar a vida segundo parâmetros éticos leva à leviandade na administração do governo e ao caos na sociedade. Mas, o "dia mau" (= dia de Javé) se aproxima! A atividade profética de Amós e dos pobres já o anuncia. Do reverso da sociedade vem o verso sobre um "outro dia". "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia..." (Chico Buarque).

Dentro dessa composição de Am 5,7–6,11, o dia de Javé articula as várias partes. Em termos de conteúdo, ele interliga entre si os vários anúncios de desgraça. A "ruína" e a "destruição súbita" em Am 5,9 e o "dia mau" em Am 6,3 são referências a esse mesmo *yom Yhwh*. São as conseqüências sociais da ação de Javé nesse seu dia.

Em outras partes do livro

Também em outras partes do livro de Amós a referência ao dia de Javé articula as denúncias e o anúncio de juízo. Assim, por exemplo, no texto de Am 8,4-14, por causa das "maracutaias" nas relações de empréstimo e dívida (cf. Reimer, *Tempos de Graça*, p. 60-89), acontecerão coisas incríveis "naquele dia" (8,9.10.13) relacionadas com eventos da ou na natureza. Igualmente no chamado "ciclo dos povos" (Am 1,3–2,16) percebem-se referências diversas a um "dia de Javé". Os anúncios de juízo nas estrofes contra as outras nações (especialmente 1,4-5.7-8.14; 2,2-3) referem-se a desgraças "naturais" em dias de alguma batalha. Na estrofe contra Israel (2,6-16), já se verifica uma virada na ação de Javé. Am 2,9 fala que Javé era "forte como os carvalhos" e destruía os inimigos de Israel (= amorreus), no passado. Mas, agora, no presente, "eis que farei oscilar a terra debaixo de vocês" (2,13). Aqui há uma indubitável referência a um evento da natureza, provavelmente um terremoto. Assim, nesse dia, Javé fará vir a desgraça sobre os fortes em Israel, de modo que o "mais valente dos guerreiros" fugirá pelado naquele dia (2,16). Em Am 4,1-3, o anúncio de "dias que estão para vir" introduz o anúncio de desgraça para as "vacas de Basã", que estão no monte de Samaria.

Concluindo

Podemos, assim, perceber que o profeta Amós já conhecia uma tradição relacionada com um dia de Javé. Nesse dia, Javé traria salvação para Israel e desgraça para os inimigos. Amós inverte essa expectativa, afirmando basicamente que o *yom Yhwh* será um dia de trevas para Israel. O anúncio de uma ação punitiva de Deus no "dia de Javé" articula os vários anúncios de desgraça. Amós se refere aí a uma iminente intervenção julgadora de Deus na história de Israel. A referência a esse "dia de Javé" é como a indicação para uma escatologia presente. Em geral, esse dia está relacionado com alguma teofania de Javé; em várias passagens, essa ação teofânica e julgadora dá-se por meio de acontecimentos naturais. Apesar de Am 6,13, que parece indicar para um povo estranho (*goy* = assírios?) como instrumento desse juízo divino, a maioria dos textos articula as desgraças no dia de Javé com um agir pessoal e teofânico de Javé na história. Esse agir por vezes tem colorações quase apocalípticas, porém aqui estamos no bojo da crítica e expectativa proféticas por uma escatologia presente.

Aquele que é "forte como um carvalho" fará vir o "dia mau" sobre os fortes em Israel. Assim, os fracos, os oprimidos e os pobres, pela voz de um profeta inspirado pelo Espírito do Senhor, prenunciam um dia de Javé. Será um dia de julgamento e coisas terríveis, para fazer com que na terra reine a justiça, e que, através de um julgamento divino, haja "um dia em que haverá na terra paz" e dignidade humana.

Bibliografia

LEEUWEN, C. van. "The profecy of the yom YHWH in Am V 18-20", *in*: *Old Testament Studies*, 19 (1974), 113-134.

REIMER, Haroldo. *Richtet auf das Recht! Studien zur Botschaft des Amos*. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1992 (série: Stuttgarter Bibelstudien, vol. 149).

REIMER, Haroldo e RICHTER REIMER, Ivoni. *Tempos de Graça. O jubileu e as tradições jubilares na Bíblia.* São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Paulus/Sinodal, 1999.

SMELIK, Klaas A.D. "The meaning of Amos V 18-20", *in*: *Vetus Testamentum*, 36, 1986, 246-248.

SCHWANTES, Milton. *Amós. Meditações e estudos.* Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1987.

Haroldo Reimer
Alameda Alcides, 102
24230-120 Niterói, RJ
Tel.: (0xx21) 711-2504
e-mail: reimer@provide.psi.br